

UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES:
relendo o mito de Eros e Psique

Tania Viana Pereira*

INTRODUÇÃO

A obra de Clarice Lispector tem sido, conforme sabemos, estudada dentro e fora do país, segundo os mais variados pontos de vista. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, no entanto, sexto romance da escritora, parece não ter merecido muita atenção da crítica, talvez porque o brilho de obras como A paixão segundo GH, que atingiram um ponto de tamanha harmonia entre proposta temática e elaboração formal, ofuscou outros romances. De fato, quantitativamente não há dúvida quanto à preferência da crítica. O ponto que talvez valha salientar é que esta obra insere-se num outro momento de sua produção que poderíamos aproximar, por exemplo, de A hora da estrela (apesar dos anos que separam a publicação de um e outro - LP - 1969/HE - 1977). A intuição dessa mudança no rumo de seu trabalho talvez possa ser ilustrada pela nota logo ao início do texto:

"Este livro se pediu uma liberdade maior que tive medo de dar. Ele está muito acima de mim. Humildemente tentei escrevê-lo. Eu sou mais forte do que eu." (p.13)¹

O que há de novo neste romance são muitas coisas, mas poderíamos rapidamente referir a presença insistente de diálogos (e não tanto monólogos), e uma certa marca de lugar-comum, provocada quer pela banalidade das situações que relata, quer pelo tom didático que percorre todo o texto. O que devemos observar, é claro, entre outras coisas, é a função que estes elementos desempenham na obra. Porque, de tudo, o mais fascinante é observar como Clarice pode, assentada so-

*Acadêmica do Curso de Mestrado em Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ Todas as citações da obra em estudo foram retiradas de:
LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

bre um solo absolutamente tradicional, com personagens que parecem cumprir perfeitamente os papéis sexuais que a sociedade lhes exige, transgredir tão profunda e radicalmente essas regras sociais.

Com este fascínio pessoal que sinto em relação à obra de Clarice Lispector, em geral, e a este livro, em particular, pretendo responder a duas questões que me inquietam especialmente nesta obra e que estão interligadas:

1º) por que esta aparente visão tradicional no que se refere aos papéis de masculino e feminino;

2º) quem é, afinal, o personagem Ulisses.

Apesar do texto indicar, claramente, a começar pelos nomes das personagens, referências míticas, há, no meu entender, outras possibilidades interpretativas, baseadas em outros mitos que não os de Ulisses/Penélope, ou da sedutora sereia Loreley. Como este tem sido, aliás, o foco para onde converge a maioria das leituras críticas, optei por caminho diferente na expectativa de responder às questões acima lançadas. Assim, minha leitura terá como ponto de partida o mito de Eros e Psique. Em primeiro lugar, porque o texto convida o crítico a esse tipo de trabalho, na medida em que traz até a superfície da obra associações claras com variados elementos míticos. Em segundo lugar, porque este mito, especificamente, guarda estreita relação com a história das personagens Lóri e Ulisses. Como sabemos, e poderemos confirmar em seguida lembrando do mito, Psique é aquela que tem de percorrer um caminho de provas até alcançar seu amado Eros. Joseph Campbell² salienta que o "motivo das tarefas difíceis" percorre boa parte da literatura e, aqui, constitui, sem dúvida, um ponto de aproximação que justifica este estudo.

A noção de mito que tenho em mente quando me proponho a realizar este trabalho é a que oferece Brandão ao afirmar que o mito "se apresenta como um sistema, que tenta, de maneira mais ou menos coerente, explicar o mundo e o homem."³ Dentre os diversos símbolos presentes em nossa cultura, os mitos têm lugar de destaque devido à profundidade e abrangência com que funcionam no grande e difícil processo de formação da Consciência Coletiva, como afirma Carlos Byington, no prefácio à obra referida.

Isso posto, resta observar que se fizeram inevitáveis recorrências ao estudo de algumas feministas, dada a direção que uma interpretação a partir do mito de Eros e psique sobre um texto de Clarice, inevitavelmente tomaria.

² CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo, Círculo do Livro, s.d.

³ BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

O MITO

Era uma vez um rei que tinha três filhas muito belas. A beleza das duas maiores era muito grande, mas se mantinha dentro dos limites do humano. Não ocorria assim com a beleza da mais jovem, Psique. Sua formosura era tal que chegou a substituir o culto à deusa Vênus. Quando esta soube que os homens veneravam assim uma mortal, encolerizou-se e jurou que Psique se arrependeria de sua beleza. Chamou o deus Eros e, acariciando-o sedutora, disse-lhe para que disparasse uma de suas temíveis flechas e a condenasse a consumir-se em fogo por uma paixão sem limites pelo homem mais vil, sem saúde, fortuna, nem honra que houvesse sobre a terra.

Psique, apesar de sua enorme beleza, obtinha pouco prazer, pois que nenhum homem se atrevia a aproximar-se dela. Suas irmãs já estavam casadas e ela continuava só. O rei, preocupado com sua filha, foi procurar um oráculo. A resposta deste foi terrível. Psique estava destinada a desposar a morte. Ela deveria precipitar-se do topo de um morro para os braços de um monstro que Júpiter mesmo temeria. Assim, foi conduzida até o alto de um morro e de lá avançou até se precipitar no abismo. Uma suave rajada de vento recolheu-a e a levou pelos ares até depositá-la sobre um florido vale. Psique estava adormecida. Quando despertou, encontrou-se num palácio cuja magnificiência só podia ser obra dos deuses. Lá, foi servida, banhada, vestida por vozes misteriosas que a guiavam pelo palácio. Quando chegou a noite, Psique ouviu um suave sussurro que se aproximou dela. E, assim, no escuro, sem que ela pudesse vê-lo, seu esposo a fez sua mulher. Ela permaneceu assim alguns dias, perplexa, rodeada de cuidados durante o dia e amada por um dulcíssimo esposo à noite, mas que não podia ver, pois ele a advertira que, se quisesse manter aqueles privilégios, deveria permanecer como estava, ignorante e obediente. Em pouco tempo, cai em profunda depressão e roga ao esposo que lhe permita ver suas duas irmãs. Ele reluta, mas cede ao pedido. Alegres por saberem viva Psique, as irmãs conversam. Mas sentem inveja da mais moça, quando esta lhes conta de sua vida e de seu esposo. Assim, querem saber quem é o esposo que por tão pouco proporciona tanto, uma vez que ambas são casadas com homens mesquinhos, feios e inválidos. Eros adverte Psique das más intenções das irmãs e lhe revela a sua natureza divina. Acrescenta, ainda, que iriam ter um filho; este seria um deus, se ela permanecesse fiel a sua promessa, mas seria mortal se faltasse a ela. Psique tranquiliza-o com juramentos de amor e obediência. No entanto, as palavras das irmãs não lhe saíam da mente. Haviam dito a Psique que seu esposo era uma serpente hor-

rível que só esperava o nascimento do filho para devorar ambos. Certa noite, decide-se a descobrir o segredo. Enquanto ele dormia, levantou a lâmpada para alumiar-lhe os traços. Maravilhada, viu que era o mais doce de todos os monstros, o Amor mesmo. Agitada pela paixão, fere-se com uma das flechas de Eros. E uma gota de óleo fervente cai da lâmpada no ombro de deus e este desperta.

Censura-a encolerizado, por sua insensatez, e vai embora pelos ares. E assim começam os trabalhos de Psique para reconquistar Eros.

Ela fica desolada, vaga como uma sombra pedindo ajuda. E já Eros estava sendo castigado por sua enfurecida mãe que o prendera em um lugar bem seguro. A cólera de Vênus é tremenda. Psique, cansada de pedir ajuda em vão, de esconder-se e de fugir, apresenta-se ante a deusa. Esta a insulta e maltrata sem piedade e a entrega a suas fiéis servidoras: Angústia, Tristeza e Dor. No dia seguinte, foi encarregada de cumprir uma série de tarefas impossíveis. A primeira consistia em separar uma quantidade enorme de sementes e grãos de várias espécies até o cair da noite. Psique foi auxiliada por um batalhão de formigas. Ordenou-lhe, então, que colhesse o Velocino de Ouro de um rebanho de carneiros de chifres afiados e mordidas venenosas que habitavam um vale inacessível numa perigosa floresta. Mas um junco verde lhe ensinou a colher os fios de lã que os carneiros deixavam a sua passagem. Furiosa, Vênus mandou que a jovem fosse buscar um jarro cheio d'água de uma fonte enregelante, situada no topo de uma altíssima montanha guardada por dragões que jamais dormiam. Nessa tarefa ela foi assistida pela própria água real de Júpiter, que pegou a jarra com as garras e lhe entregou cheia até a borda.

Foi-lhe ordenado, por fim, que trouxesse, do abismo do mundo inferior, uma caixa cheia de beleza sobrenatural. Mas uma alta torre lhe disse como descer ao mundo inferior, deu-lhe moedas para pagar o óbulo a Caronte e um bolo para Cérbero, e incentivou-a a seguir. Psique não poderia abrir a caixa, mas acaba por fazê-lo, curiosa, e cai fulminada por um sono como a morte. Entretanto, já Eros está curado e, não podendo resistir mais sem sua amada, escapa pela janela e vai até onde jaz Psique. Seu beijo a resgata do sono que a paralisava. Ela devolve a caixa a Vênus, enquanto Eros vai até Júpiter que promete interceder por ele. Convoca uma grande assembléia no céu e realiza-se o casamento. Para que Vênus não voltasse a envergonhar-se da humanidade de Psique, Júpiter, generoso, convida a noiva a beber um néctar divino que a converte em deusa. Em pouco tempo, Eros e Psique foram pais. Nasceu uma bela menina a que chamaram Voluptuosidade, Prazer,

Gozo (três versões que chegaram até nós).⁴

INTERPRETAÇÃO DA OBRA

Se lermos atentamente a obra de Clarice, não teremos dificuldade em perceber que, consonante com uma certa visão tradicional, aparece, ali, o binômio corpo-alma, como coisas relativamente independentes.

"Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com alma também." (p. 33)

"Queria a quebra de sua carne em espírito e do espírito se quebrando em carne, queria essas finas misturas - tudo o que secretamente a adestraria para aqueles primeiros momentos que viriam." (p. 136)

Este binômio presente de forma explícita no texto é um dos elementos que nos convida a esta leitura. Loreley percebe-se apenas enquanto corpo, ela intui a existência do "impossível de outro ser humano", porém não consegue efetivar a troca que supera a relação meramente sexual.

Ulisses, por seu turno, é revelado como uma espécie de sábio a quem Lóri deseja fisicamente; mas ele não cede nem ao desejo dela, nem ao seu próprio em nome de algo que vai, aos poucos, mostrando-se.

Nesse sentido, podemos aproximar a personagem Lóri de Eros e Ulisses, de Psique. Ele é aquele que tem de se sacrificar e esperar para obter o que quer.

Entretanto, podemos, igualmente, aproximar a personagem Lóri de Psique, uma vez que ambas têm de cumprir um "caminho de provas" para alcançarem o amor pleno.

Por outro lado, a figura masculina é quem, pelo menos no início, detém a convicção do amor. Em nenhum momento, Ulisses mostra indecisão em relação a seus sentimentos amoro-

⁴ A história do mito de Eros e Psique foi resumida a partir dos textos de Magda Catalã, Joseph Campbell (no trecho referente aos trabalhos de Psique) e John Gilbert, todos eles fiéis à versão de Apuleio em "As Metamorfoses".

SOS.

"Comigo você falará sua alma toda, mesmo em silêncio. Eu falarei um dia minha alma toda, e nós não nos esgotaremos porque a alma é infinita. E além disso temos dois corpos que nos será um prazer alegre, mudo, profundo."
(p. 106)

Psique, enquanto encontrava-se com Eros sem vê-lo, não tocava, não alcançava o outro. O castigo vem quando, exatamente, ela busca esse contato. Também Lóri tem de passar pelo caminho de provas, quando intui que existe a possibilidade de contato com o outro. A palavra é essa mesma, ela fala em intuição. O resultado desta é a sensação de deslumbramento que se apossa de Lóri, quando, por exemplo, descobre a possibilidade de diálogo com uma desconhecida na rua. (p. 149) Como afirma Manonna Kolbensschlag, alguns mitos "celebram a morte metafórica de um si-mesmo antigo e inadequado e seu próximo renascimento num plano superior da existência."⁵ O deslumbramento de Lóri, durante seu aprendizado, inclusive no que se refere aos próprios sentidos, revela sua percepção de estar "renascendo", como quer a estudiosa norte-americana.

"-Sabe o que é sarcofilia?

- Nunca ouvi esta palavra, respondeu.

- Sarcofilia é a parte carnosa das plantas.

Segure esta e sinta.

Estendeu-lhe a folha, Lóri tateou-a com dedos sensíveis e esmagou-lhe a sarcofilia.

Sorriu. Era lindo dizer e pegar em: sarcofilia." (p.125)

"E de repente viu os nabos. Via tudo até encher-se de plenitude de visto e do manuseio das frutas da terra. Cada fruta era insólita, apesar de familiar e sua. A maioria tinha um exterior que era para ser visto e reconhecido. O que encantava Lóri. Às vezes comparava-se às frutas, e desprezando sua aparência externa, ela se comia internamente, cheia de sumo vivo que era." (p. 146)

O "renascimento" de que falamos, parece, no início,

⁵ KOLBENSCHLAG, Madonna. Adeus, Bela Adormecida. São Paulo, Saraiva. 1990.

algo que apenas Lóri busca. Ela espera pela salvação de Ulisses;

"Se era a salvação que ela esperava de Ulisses, isso seria pedir tanto e tão grande que ele negaria?" (p. 50)

E se surpreende quando ele lhe diz que também não está pronto:

*"- Você diz isso porque está pronto.
- Pronto em todos os sentidos eu nunca estarei, Lóri, eu não me engano." (p. 62)*

Na realidade, também Ulisses percorre o seu caminho de aprendizagem, proporcionado pelo amor da mulher. Portanto, não há a possibilidade de bipolarizar a questão no esquema: mulher - salva (objeto) / homem - salvador (sujeito) Tanto um quanto outro são, de fato, salvos pelo amor e sacrifício próprios. E a velha idéia de que o aprendizado da mulher se restringiria a maturação física cai por terra. Colocando Lóri no centro de um romance de aprendizagem ou de formação ("bildungsroman"), Clarice está já rompendo com a tradição patriarcal que associa progresso e atividade com mundo masculino, e natureza com mundo feminino, conforme afirma Rita Schmidt. A própria Lóri diz, no final do texto, "aprendi o que você nem sonhava em me ensinar." (p. 179)

Realmente se desfaz a idéia de que Lóri seria um mero objeto da criação de Ulisses.

"É que de início pensei ter encontrado uma tela nua e branca, só faltando usar os pincéis." (p.62).

Rita Schmidt é esclarecedora neste ponto:

"On the one hand, the text's literary archaeological site points to traditional gender definitions: man-subject-knowledge/woman-object-instinct. Yet, on focusing on female becoming, Lispector's narrative decenders and discourages those associations that freeze gender into categories of power. For example, Ulisses' self assertiveness and rock-like stability gradually lose their affirmative and somewhat aggressive character as he comes to realize that Lori's growth does not depend

*so much on his tutoring but on her self-determination."*⁶

O aprendizado de Lóri - e isso o texto deixa claro - associa-se ao resgate de sua alma.

"Não havia pois mais avareza com seu vazio-pleno que era a sua alma." (p.169)

E isso, de certa forma, justifica a epígrafe do trabalho.

A aproximação com Psique parece clara. Esta, quando solteira, era excepcionalmente bela, no entanto não tirava proveito dessa beleza, uma vez que os outros não alcançavam-na. Também Lóri, com seus vários amantes, pouco ganhava. É, em ambos os casos o sentimento amoroso o que faz com que se inicie o processo de mudança, que começará com uma série de sacrifícios, mas que terá um desfecho compensador.

Interessante, neste ponto, é observar como Clarice faz aqui também a inversão do mito. Ulisses é Psique no início que se transforma em Eros.

"Ulisses, o sábio Ulisses, perdera a sua tranqüilidade ao encontrar pela primeira vez na vida o amor. Sua voz era outra, perdera o tom de professor, sua voz agora era a de um homem apenas." (p. 176)

"A verdade, Lóri. é que no fundo andei toda a minha vida em busca da embriaguez da santidade. Nunca havia pensado que o que eu iria atingir era a santidade do corpo. (p. 172-3)

E, por outro lado, Lóri é Eros que se transforma em Psique.

"E o prazer de Lóri era o de enfim abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que estava antes encarnicadamente prendendo-a." E mais adiante: "Seu vazio-pleno que era a sua alma." (p. 168-9)

⁶ SCHMIDT, Rita Terezinha. "Clarice Lispector: The Poetics of Transgression", Luso-Brazilian Review, (26)

CONCLUSÃO

Na introdução a esse trabalho, falávamos de alguns elementos novos que este texto trazia no contexto da produção de Clarice. Referíamos a presença insistente de diálogos e não tanto de monólogos que predominavam nas obras anteriores. Esta presença é compreensível pelo fato de que é um texto em que a relação com o outro é o dado central.

Um outro aspecto referido é o tom de lugar-comum que percorre o texto. Aqui também nada é gratuito. Há um fio de ironia que marca justamente o impasse entre uma realidade banal e outra mais sublime - a da transformação por que passa a personagem. Esta questão da ironia é melhor desenvolvida por Nádia Gotlib em "Um novo romance de aprendizagem".

Por último, parece que foram, senão respondidas de todo, ao menos encaminhadas as duas questões propostas. Ulisses é o homem que abandona a postura tradicional diante da mulher - de sábio, experiente - e dispõe-se a aprender com ela. Por outro lado, aquela aparente visão tradicional em relação aos papéis sexuais ocorre para que Clarice possa, exatamente, desmitificá-los, pois, como quer Kolbenschlag:

"Grande parte daquilo que ordena nossas vidas e que atribuímos à natureza ou ao destino é, no fundo, uma insidiosa mitologia cultural."
7

BIBLIOGRAFIA

ARÉAS, Vilma. "A moralidade de forma", Minas Gerais: Belo Horizonte, 19 dez. 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

CASSIRER, Ernest. Linguagem e Mito. São Paulo: Perspectiva, 1972.

⁷ Op. cit. p.16.

- CATALÁ, Magda. Reflexiones desde un cuerpo de mujer. Barcelona: Anagrama, 1983.
- GILBERT, John. Mitos e legendas da Roma Antiga. São Paulo: Melhoramentos, 1978. (série Prisma)
- GOTLIB, Nádía Batella. "Um novo romance de aprendizagem" In: LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. Ed Crítica. Benedito Nunes (coord.) Publicado sob os auspícios da UNESCO; Brasília: CNPq., 1998.
- GUTIÉRREZ, Rachel. O feminismo é um humanismo. Rio de Janeiro: Antares; São Paulo, Nobel, 1985.
- KOLBENSCHLAG, Madonna. Adeus, Bela Adormecida. São Paulo: Saraiva, 1990.
- LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- PAIVA, Vera. As voltas do feminino. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. "Clarice Lispector: The Poetics of Transgression," Luso-Brazilian Review, (26).